

GULLIVER NO SÉCULO 21

*Margarida Maria KNOBBE**

RESUMO: Tendo como operador cognitivo o livro *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (2005), e com base principalmente nos argumentos apresentados em *O Método 5 – a humanidade da humanidade: a identidade humana*, de Edgar Morin (2002), este ensaio problematiza algumas interconexões entre comunicação, compreensão, ética, ciência e condição humana no atual processo de mundialização. Argumenta-se que a sociedade de massa e do espetáculo amplifica o “mal primordial da incompreensão humana” (MORIN, 2003, p.363). Apesar de fenômenos em estreita interrelação, a comunicação não garante a efetivação da compreensão.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Compreensão. Cultura. Mundialização. Ética.

Nos seis volumes de *O Método*, Edgar Morin me faz estranhar e, ao mesmo tempo, reconhecer-me como indivíduo integrante de uma sociedade e pertencente à espécie humana. Estranho e reconheço também os outros pela mesma relação indivíduo/sociedade/espécie. Cada um de nós é único e vários ao mesmo tempo.

A despeito de nossas inúmeras potencialidades, comportamo-nos, às vezes, como máquinas triviais, repetindo-nos incessantemente. A padronização da cultura de massa nos impõe verdadeiros moldes homogeneizados e vazios. Nessas condições, reina uma imensa acumulação de espetáculos: substitui-se a experiência do vivido pela representação. Com essa imposição da cultura e do pacto social, agimos como naufragos que remam, remam, remam mesmo sabendo que continuaremos à deriva, sem rumo. Perdemos a visão da totalidade do mundo. Porém, na realidade, somos máquinas não-triviais, “[...] por dispor de uma possibilidade de afastamento em

* FCC – Faculdade Câmara Cascudo. Grupo Universidade Estácio de Sá. Natal – RN – Brasil. 59030-350 – margaridamk@yahoo.com.br

relação à norma, de um potencial de catálise, de descoberta, de decisão” (MORIN, 2002, p.281).

Toda essa riqueza do *antropos* vem à tona pela via da comunicação, na maioria das vezes, de uma forma sutilmente implícita. A comunicação, por sua vez, constitui-se num “fluir de coordenações consensuais de ações”, no dizer de Humberto Maturana (1998). Para haver comunicação, nesse sentido mais amplo e fundamental, é necessário que haja proximidade física ou noológica entre os interlocutores. Essa proximidade responde à aptidão humana ao duplo, a objetivar-se, reconhecer-se a si mesmo como um outro, mecanismos que Edgar Morin denomina de identificação/projeção.

Esses mesmos mecanismos necessários à comunicação estão presentes nos processos de compreensão. Para Morin (1996, p.139), “[...] a compreensão é um modo fundamental de conhecimento antropossocial”, que comporta a projeção (de si sobre o outro) e a identificação (de outro consigo), realizando um duplo movimento que se refere à distinção do eu e do outro, mesmo em conjunção.

Se são assim tão imbricados os fenômenos da comunicação e da compreensão, por que o primeiro não garante a efetivação do segundo? Talvez porque, mesmo sendo necessário para a minha existência, assim que aparece no meu campo de consciência, o outro altera o meu mundo.

De outra parte, as formas de comunicação que herdamos do século 20 nos afastaram das bases física e noológica, primárias, das coordenações consensuais de ação. Os vazios se acumulam. Há um silêncio em meio a todo barulho. Um silêncio que não se classifica como “[...] o intervalo preciso para as modulações da comunicação, a respiração de sentido” (LE BRETON, 1997, p.75). Não é uma fuga de palavras, é o dito da recusa. A escuta desse silêncio não contém a presença do outro. O que conterà? Resistência? Rancor? Desprezo? Controle?

Talvez pela recusa do outro e pela destruição do sentido, a linguagem tenha se tornado caduca. Apenas o som inteligível das palavras reveste o vazio que persegue o silêncio. As palavras pronunciadas não esconjuram esse silêncio, não preenchem o abismo de sentido. É assim porque adotamos as couraças das mídias, a sua impessoalidade, até na convivência familiar.

É possível observar na vida cotidiana alguns traços comportamentais que refletem a ascendência que as máquinas inteligentes – o computador, a TV e outras “caixas pretas” (CARO, 1993) – exercem sobre nós, forçando-nos ao silêncio.

Não é igualmente sintomático o fato de que, em meio a todo o processo de mundialização, inclusive dos meios de comunicação, amplifique-se “o mal primordial da incompreensão humana?” (MORIN, 2003, p.363). Contra as recusas e o silêncio que copulam com os aspectos perversos, bárbaros e viciosos do ser

humano, consubstanciados nas incompreensões, ambições, sede de lucro, poderes e explorações que habitam o nosso mundo, Morin (2003, p.365) propõe uma reforma do pensamento, mas também uma reforma do ser humano mesmo. Tal metamorfose “[...] supõe uma reforma radical dos sistemas de educação, que supõe uma grande corrente de compreensão [...]”.

Para Morin, a compreensão se refere aos aspectos do pensamento simbólico/mitológico/mágico: concreto, analógico, captações globais, predominância da conjunção, projeções/identificações, implicação do sujeito, pleno emprego da subjetividade. E a explicação está ligada às características do pensamento empírico/lógico/racional: abstrato, lógico, captações analíticas, predominância da disjunção, demonstrações, objetividade, dessubjetivização. Mesmo sendo necessária à compreensão, a explicação pode traí-la e gerar incompreensão, porque seus princípios da objetivação, determinação e racionalidade estão sujeitos às cristalizações e erros da racionalização, quando se julga que tudo é explicado ou explicável por uma visão de mundo ou uma teoria.

Considerando a comunicação social, também não devemos confundir comunicação e compreensão. “A comunicação é comunicação de informação às pessoas ou grupos que podem entender o que significa a informação” (MORIN, 2002, p.42-43). A compreensão é um fenômeno que mobiliza poderes subjetivos para considerar o outro também como sujeito. Multiplicamos as formas de comunicação no planeta e não conseguimos compreender próximos e distantes.

Para exercitar alguns aspectos desses fenômenos, recrio neste ensaio um fragmento das *Viagens de Gulliver*, descritas por Jonathan Swift (2005), na obra considerada da sua maturidade, cuja primeira edição foi publicada anonimamente em 1726 na Inglaterra. Segundo o próprio autor, sua intenção era irritar o mundo e não diverti-lo. Suponho que isso quer dizer possibilitar a compreensão das múltiplas faces humanas, fazendo-nos deparar mimeticamente com as várias realidades que construímos socialmente.

Alguns comentadores da obra de Gilberto Freyre dizem que o livro de Swift influenciou o estilo ensaístico de sua sociologia, pois foi a primeira leitura a marcar o pesquisador definitivamente. A história tem sido reproduzida até os nossos dias em diversas versões, as quais, embora não eliminem o caráter de sátira do original para leitores adultos, transformaram-se em fonte de estímulo para o público infanto-juvenil.

Swift é considerado por Edward W. Said (1996) um intelectual em estado de inquietude, próprio dos exilados. A experiência do exílio, real ou metafórica, permite ousadias que extrapolam a lógica das convenções, sejam elas políticas, literárias ou científicas. Pensar como exilado elimina confortos e privilégios. “Um

intelectual se assemelha a um naufrago que de uma certa maneira aprende a viver com o país, e não sobre o país” (SAID, 1996, p.76). Eu diria que aprende a viver com a humanidade e toda a sua diversidade e não sobre a humanidade.

Gulliver também representa uma metáfora, como a cunhada por Anthony Burgess, autor da história contada no filme *Laranja Mecânica*, dirigido por Stanley Kubrick e lançado em 1971. Alex, o protagonista do romance, tem um dialeto próprio e se refere à guliver no sentido de cabeça: “minha guliver dói!” A palavra, que ainda é muito utilizada em blogs (diários virtuais na internet), às vezes é entendida como o órgão sexual masculino. A metáfora guliver, então, configura-se como um pensamento seminal. Pensar dói, mas pensar é fundamental para criar novos pensamentos, novos mundos.

Tomo o livro de Swift, neste texto, como um operador cognitivo para problematizar algumas interconexões entre comunicação e compreensão, ética, ciência e a condição humana, aliado aos argumentos presentes especialmente em *O Método 5 – a humanidade da humanidade: a identidade humana*, de Edgar Morin (2002), conforme relato a seguir.

Brodingnag¹: onde tudo é super-hiper

Tomei um barco desconhecido, levado por um Caronte invisível, guardião de mistérios... A mesma pergunta que oprimiu Gaston Bachelard (1997, p.75), em *A água e os sonhos*, também me oprimiu: “Não terá sido a Morte o primeiro Navegador?” Senti-me assim talvez porque as viagens aquáticas reavivam os ecos mitológicos de uma iniciação perigosa. E o que seria mais perigoso, e ao mesmo tempo mais fascinante, do que penetrar nas águas profundas da humanidade? Estava prestes a encontrar o portal que une o mundo dos vivos ao mundo dos mortos.

Consultei os mapas multicores da geografia para traçar o rumo. Por eles, enxerguei a diversidade humana no planeta, que, vista de fora, parece executar uma dança, ora de combate, ora de festa. Nações, etnias, mitos, ritos, línguas e artes nascem e morrem; hibridam-se e se separam; abraçam-se e se apunhalam.

Como no Atlas do Grande Khan, meus mapas também continham as terras prometidas, visitadas na imaginação, que ainda não foram descobertas ou fundadas. Recorri a Marco Polo, da mesma forma que Kublai Khan, nas páginas criadas por Ítalo Calvino (1999, p.149) em *As Cidades Invisíveis*:

¹ Swift (2005).

Você, que explora em profundidade e é capaz de interpretar os símbolos, saberia me dizer em direção a qual desses futuros nos levam os ventos propícios? [...] (...) Por esses portos eu não saberia traçar a rota nos mapas nem fixar a data da atracação. Às vezes basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que, enquanto falamos, ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins...

Tentei exercitar uma visão de conjunto dos meus mapas fragmentados. Como numa projeção holográfica, enxerguei um terceiro mundo criado por laços fluidos que ligam o mundo físico a um mundo simbólico, um contido no outro. Esse terceiro mundo chama-se Brobdingnag. À sua volta esfumaçam-se muitos caminhos de futuro. Todos são possíveis, mas nenhum ainda está totalmente materializado.

As saídas estão abertas e são visíveis, mas ninguém as encontra. Talvez porque os habitantes do lugar não se preocupem em encontrar saídas, mas em realizar conquistas... Ou talvez porque para encontrar as saídas precisem reinventar, a partir de outros padrões, as suas megamáquinas – técnicas, científicas, sociais, administrativas, econômicas – alimentadas diuturnamente com doses maciças de megalomania.

O lugar tem o formato de um globo. Está situado na natureza e fora dela. Paradoxalmente, é uma terra de gigantes “[...] no seio de um liliputiano sistema solar de uma galáxia nanica, num cosmo estendendo-se por bilhões de anos-luz” (MORIN, 2002, p.25). Parece-se com o labirinto descrito, poeticamente, por Jorge Luis Borges (1999): “Não haverá nunca uma porta. Está dentro e o castelo abarca o universo. E não tem anverso nem reverso. Nem externo muro nem secreto centro”.

Enquanto me detinha sobre a visão surgida a partir dos mapas, Brobdingnag foi aflorando dispersa ao meu redor... Vozes transmitidas por diversos meios de comunicação se misturaram à minha agitação mental... Apurei os ouvidos.

Caronte havia me transportado para a entrada de um estádio enorme, chamado *Superdome*. Lá, ecoava o som e fluuava o cheiro da morte.

Entre notícias indistintas, percebi alguns discursos específicos sobre as consequências de um furacão, de uma guerra, de uma terrível seca na floresta tropical e atos de corrupção. As vozes me confundiam. Busquei a segurança das palavras

escritas nos jornais dispostos em uma banca próxima. Os olhos são mais seletivos do que os ouvidos... Entre a grande variedade de títulos, percebi que as notícias se repetiam nas diversas edições, mais ou menos com as mesmas informações e o mesmo estilo.

Além da catástrofe causada pelo fenômeno natural chamado Katrina, criticava-se a incompetência da máquina governamental do pedaço mais rico e poderoso de Brobdingnag para socorrer a população vitimada, a maioria formada por afrodescendentes e pobres. Por outro lado, também havia notícias sobre importantes atos de solidariedade praticados pela sociedade civil, a despeito da falta de apoio das instituições do governo. O líder político daquele povo se defendia, apelando para a compreensão dos cidadãos, contestando com palavras o que mostravam os fatos.

Outras reportagens enumeravam os mortos caídos numa guerra por um pedaço de terra produtora de petróleo, um combustível muito apreciado em Brobdingnag, apesar de seus efeitos perversos e poluidores. Pude verificar também pelas notícias que, após a passagem do furacão Katrina, alguns cientistas insistiam em alertar para o fato de que a intensidade das tempestades estava aumentando por causa do aquecimento de Brobdingnag que, por sua vez, é agravado pelo uso de combustíveis como o petróleo.

Enquanto uma parte do mundo estremece sob as tempestades, a floresta tropical, considerada o grande oásis da diversidade das espécies e a esperança de vida no planeta, sucumbia a uma seca terrível. As causas, diziam as notícias, eram o desmatamento sem controle e o aquecimento global.

Voltando à guerra, a disputa pelo acesso ao tal combustível fica camuflada atrás de razões oficiais diferentes. O conflito foi instaurado pelo governo do mesmo país onde ocorreu o furacão. Julgando-se o melhor sistema democrático do mundo e guardião dos direitos humanos, o tal grande país enviou tropas ao pequeno território e destituiu seu governo para ajudar o outro povo a ser mais feliz. O problema é que, mesmo não gostando do antigo governante, os habitantes daquela nação invadida também não concordavam com as práticas do invasor. Os resultados dessa situação eram muita violência e morte.

Nunca foi possível garantir um pacto que atendesse aos interesses de todos nessa região, que se localiza no Oriente Médio de Brobdingnag. De acordo com o jornalista Nahum Sirotsky (2005), “[...] nem autores, nem leitores têm vocação para o conhecimento científico do Oriente Médio, cuja complexidade é difícil para um ocidental penetrar”. Essa complexidade se refere especialmente às inúmeras segmentações dentro de uma mesma religião, além de questões étnicas.

Os jornais que li davam conta que as disputas em Brobdingnag não se restringem ao interior de uma religião. Sempre houve incompreensões entre as

diversas crenças. Muitas delas com desenlace trágico: ataques armados e morte, em pequena ou em larga escala. Ultimamente, fiéis extremistas, de vários lados, têm planejado e executado, com sucesso, espetaculares atos terroristas com saldo de milhares de mortos. Politicamente organizados e treinados em práticas de guerrilha, adeptos dessas facções extremistas se suicidam explodindo bombas em aviões, prédios, estações do metrô e em outros ícones da apavorada civilização, que, por sua vez, também se defende atacando o que vê e o que não vê como ameaça.

Em Brobdingnag, os deuses possuem os mesmos desejos e convicções dos humanos e se comportam segundo as ideias e os atos dos homens que, por sua vez, imputam às entidades divinas as responsabilidades sobre suas ações. Os brobdingnaguianos são simultaneamente anjos e demônios, como os seus deuses.

Enquanto isso, em outro pedaço deste mundo, outro presidente de outra nação enfrentava uma enxurrada de denúncias de corrupção, envolvendo o poder executivo, o poder legislativo, empresas públicas e privadas. Como mudar um sistema que, embora equivocado, mantém-se há longos anos? Como alterar um sistema que, embora indesejável para a maioria da população, garante privilégios e poder de uma minoria de quem depende sua manutenção ou reformulação? Esse presidente também apelava para a compreensão. Além dos discursos políticos a favor ou contra as pessoas envolvidas nos escândalos, o povo, às vezes, protestava nas ruas.

Nesse ponto, especificamente, a diferença entre a antiga Brobdingnag e esta que eu percorria era enorme! Na corte visitada anteriormente por Gulliver, a opinião corrente era de que “[...] a pessoa que fizesse crescerem dois pés de milho ou duas moitas de capim num pedaço de terra, no qual até então só houvesse nascido um, teria prestado à humanidade e ao seu país um serviço muito mais valioso do que toda raça de políticos juntos.” (SWIFT, 2005, p.177).

Antes era mesmo mais fácil esse avesso de valores. Ainda o é nas comunidades que guardam uma certa distância das nações-Estado, embora sejam oprimidas e discriminadas por elas.

Brobdingnag é um mundo de certezas; um mundo de dúvidas e um mundo de crises. Corrupção, violência, fome, miséria, racismo e outros preconceitos, inclusive os socioeconômicos, os religiosos, os teóricos, os científicos, são marcas muito frequentes, como se fossem queloides vivos sobre a pele dos espíritos. Mesmo sendo, nenhum homem é tratado como a casa da humanidade. E muitos, inclusive os líderes políticos, os pais, os patrões, enfim, os **mandachuvvas** que detêm alguma forma de poder, vivem clamando por compreensão. Na maioria das vezes, quem apela assim quer que outros engulam, cegamente, a verdade que lhes empurram, isenta de qualquer compreensão.

Os preconceitos, na maioria das vezes, entrelaçam-se. Pessoas com características físicas diferentes (cor da pele, textura do cabelo, etc.) são mais discriminadas quando são pobres e alguns de seus costumes, inclusive os religiosos, são tidos como primitivos. Os brobdingnaguianos, sem exceção, são etnocêntricos, “[...] cada grupo toma suas características culturais como certas e como medida para avaliar os demais. Há sempre dois processos complementares: o da identidade e o da alteridade. O outro (alter), o diferente é sempre visto com suspeita.” (KNOBBE, 2005, p.18-23). Esse é um grande paradoxo tendo em vista que a vida é diversidade e a mestiçagem é a vocação dessa espécie.

Aliados a isso, o mercantilismo e a sede de poder se agarram com unhas e dentes às instituições – tanto as nacionais quanto as supranacionais – que deveriam cuidar do bem-estar das populações. O sistema econômico mais praticado em Brobdingnag é o que eles chamam de capitalismo, sustentado por uma ideologia chamada neoliberalismo. Alguns países tentaram fugir desse sistema criando outras opções. Nenhuma obteve sucesso absoluto. De uma forma ou de outra, todos voltaram para o capitalismo, que se supera sempre mais em sua capacidade de enriquecer os mais ricos e empobrecer os mais pobres, submetendo os poderes políticos às razões financeiras, de difícil compreensão.

Em Brobdingnag há todos os tempos. Cada tempo é verdadeiro, porém as verdades não são as mesmas. Há o tempo mecânico e o tempo corporal. “O primeiro não se desvia, é predeterminado. O segundo toma as decisões à medida que avança” (LIGHTMAN, 2005, p.24-25).

Há igualmente pedaços de passado, pedaços de presente e pedaços de futuro. Cada área de Brobdingnag está presa a um tempo diferente daquele expresso pelos calendários locais, que afirmam estarem vivendo no século 21. Um aglomerado humano vive no século 15. Outro é uma fotografia do século 19. “Neste mundo, a textura do tempo parece ser pegajosa. Porções de cidades aderem a algum momento na história e não se soltam. Do mesmo modo, algumas pessoas ficam presas em algum ponto de suas vidas e não se libertam” (LIGHTMAN, 2005, p.60). Infelizmente, não conheci ninguém totalmente ligado ao dia 17 de setembro que, segundo consta, deve ser dedicado à Compreensão Mundial.

Percorrendo todas as imagens contidas neste globo, como se estivesse num turbilhão de memórias, assisti à evolução do homem, desde os tempos das cavernas, passando pelas antigas civilizações, até a projeção de alguns futuros. Vi inventos que transformaram Brobdingnag e seus habitantes, capazes de alterar a compreensão de tudo.

Vislumbrei desastres terríveis, como o causado pela bomba atômica, e guerras motivadas por governantes dementes; o massacre do povo judeu, e de inúmeras culturas: africanas, indígenas, entre outras; diversas escravidões.

Crianças, homens e mulheres morrendo de fome, esqueléticos, ao lado de outros tantos acometidos pela doença da obesidade, por excesso e descontrole na oferta de comida. Há relatórios e mais relatórios oficiais sobre o assunto, conforme pude verificar nos jornais.

Como esse problema está longe de ser solucionado, apesar de antigo e vergonhoso, há quem encontre uma saída satírica para a questão. Um respeitado escritor do século 18, cansado de esperar pelos resultados das políticas de combate à fome, elaborou o que ele chamou de **modesta proposta** (SWIFT, 2005). Destruindo a pretensão racionalista de que o progresso intelectual e científico resolveria o problema, o autor sugere, de forma mordaz e espetacular, que as crianças pobres de seu país, a Irlanda, sejam criadas para alimentar os mais abastados. Assim, elas deixariam de ser uma carga para os pais e seriam transformadas em benefício público, como alimento nutritivo e substancial...

Três séculos depois, R. Moraes (2005, p.09-10) questiona:

Em que tempo estamos hoje? Um tempo em que há várias maneiras de devorar crianças e de fazer desse ofício uma indústria. [...] Hoje, comemos uma criança asiática, trabalhadora semiescrava, quando fazemos algo tão prosaico como adquirir um tênis de marca. Comemos, ainda, em outros banquetes, crianças africanas, prato típico de um continente classificado como “descartável” em tantos relatórios de entidades multilaterais e analistas de mercado. Servem-nos, ainda uma vez, bandejas latino-americanas e asiáticas, cobertas de trabalho infantil, de febre, fome e diarreia, de descaso e de pouco caso. Há várias maneiras de comer crianças e há várias maneiras de fingir que não o fazemos – ou de temperar o prato para que se disfarce o gosto.

Ao mesmo tempo, vislumbrei processos de regeneração da vida, como consequência de um estado de amor que só os brobdingnaguianos sabem alcançar, através da comunhão com os outros e de um maravilhamento frente às belezas de seu mundo.

Uma nuvem de pó se condensou à minha volta. Nela desfilava, como um turbilhão de memórias, impérios que se erguiam e se destruíam, confundidos pela própria ganância. Tudo girava num denso redemoinho chamado *A humanidade da humanidade – a identidade humana* (MORIN, 2002). O que eu via era mais e, ao mesmo tempo, menos do que o próprio redemoinho. De repente, era como se eu

estivesse dentro da estrutura do DNA e, girando, movia-me junto com bicicletas, aviões, computadores, satélites e foguetes...

Naquela vertigem, confirmei outra fundamental característica de Brobdingnag: o gigantismo dos seres; de suas produções e de suas destruições. A espécie humana não é a única, mas se considera a melhor e mais importante invenção dos deuses, porque é a única – até onde se sabe – a possuir consciência, embora fuja dela. A inconsciência ainda é majoritária, submetendo as outras existências animadas e inanimadas – animais, vegetais, minerais – aos seus caprichos.

Os humanos do lugar são **hiper** e **super**: hipervivos, hiperdinâmicos, hipermamíferos, hipersexuados, superprimatas. Uma mania entre eles é rotular como **super, hiper, ultra, master, blaster** tudo o que os deixa felizes para torná-los à sua imagem e semelhança. São, ainda, cerebralmente *sapiens-demens*. Carregam, ao mesmo tempo, a racionalidade, o delírio, a *hubris* (insensatez), a criatividade, a destrutividade... o bem e o mal. Em uma palavra: são seres **complexos**, formados pelo entrelaçamento de aspectos biofísicos e psico-sócio-culturais. Essa complexidade se desenvolve a partir de três instâncias inseparáveis: cérebro-cultura-espírito.

Esses seres estão enraizados neste universo comum a todos, mas criam seus próprios mundos particulares. Estão sujeitos à passagem do tempo comum a todos, mas se ligam a um tempo próprio. Vivem em um meio palpável – físico e biológico –, mas criam outro meio para viver: a noosfera, um reino de ideias, mitos, deuses e de magia.

O nó da cultura e das sociedades criadas por eles é a linguagem, uma emergência surgida durante a evolução da espécie. Os brobdingnaguianos são todos gêmeos pela linguagem, mas separados pelas línguas. São semelhantes pela cultura e completamente diferentes pelas culturas. Cada um é único e múltiplo. Cada um contém uma solidão inacreditável, uma pluralidade extraordinária, um cosmo insondável.

Apesar de todas as raízes – físicas, biológicas, culturais – os habitantes de Brobdingnag se desenvolvem para além delas. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade. O sublime e o grotesco se fundem em comédias e tragédias. Barbárie e civilização convivem, apesar de se excluírem parcialmente.

Depois dessa rápida visão geral, comecei a prestar atenção a cada gigante que passava por mim. Lembrei-me de que quando estava em Liliput, a pele daquelas pessoas pequeninas me parecia a mais linda do universo. Concordei com as impressões de Gulliver sobre o seu primeiro encontro com os seres gigantes: fiquei chocada como os defeitos das pessoas se “[...] sobressaem como se fossem vistos

como que através de uma lente de aumento” (SWIFT, 2005, p.129). Afora essas questões de proporção, individualmente os brobdingnaguianos são até simpáticos e, a uma certa distância, adquirem um ar inofensivo.

Durante o tempo que os observei caminhar pelas ruas, tive a impressão de que não fui notada. Pareceu-me que cada um dos passantes estava muito ocupado consigo mesmo. Aqui e ali alguém falava, gesticulava, sorria ou cantava sozinho. Muitos pareciam sonâmbulos, vivendo como autômatos ou possuídos, às vezes acometidos por relâmpagos de lucidez.

Como os espaços começam a se tornar exíguos, e a despeito de viverem em tempos diferentes, pressupõe-se que todas as áreas de Brobdingnag estejam globalmente unificadas. É verdade que há uma unificação microbiana, iniciada, há séculos, por grandes conquistas das populações das potências dominantes sobre povos colonizados. Como resultado, houve um gigantesco desenvolvimento das comunicações e das trocas entre povos e culturas, o que não garantiu o respeito a esses povos e culturas e nem a sua inserção na tal comunidade global.

Em entrevista a um jornal sobre esse assunto, o etólogo Boris Cyrulnik (2006) afirma que muitos sofrem de ausência de empatia. São incapazes de representar o mundo do outro; não aprenderam que há maneiras de ser distintas da sua.

Prega-se que a informação é um bem público e uma das aliadas para resolver os problemas críticos da humanidade. Mas as redes formadas pelos meios de comunicação de massa, que conectam todo este mundo como uma aldeia global, emitem um som ensurdecedor, a serviço da incompreensão e do mercantilismo, com um discurso infantilizante e gerador de mediocridades, com raras exceções. A conexão, que deveria unir o distante, acaba por separar até o próximo porque impõe uma enxurrada de informações impossíveis de serem processadas, truncando os processos comunicacionais entre os seres humanos. Muito pouco dessas informações gera conhecimento e compreensão.

Por outro lado, há resistências significativas e brobdingnaguianos que pensam que, apesar das dificuldades, é possível uma outra configuração dos meios e dos agentes da comunicação. Aliás, para esses resistentes, é possível haver comunicação, algo muito mais amplo que simplesmente informar ou impor ícones e receitas perfeitas. Para Jesús Martín-Barbero (2003, p.70-71), um estudioso desses processos:

Comunicar é tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido: reconheçam seu direito a viver e a pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios.

A minha grande dúvida continuava a ser: como isso é possível com o som ensurdecedor do sistema, que penetra nas entranhas, anestesiando os seres?

A tal mundialização reforçou e ampliou os dois circuitos antagônicos e complementares, permitidos pelo sistema hegemônico: o circuito de conforto – bênção –, apenas para pequena parcela dos habitantes deste mundo, e o circuito de miséria – maldição –, para a maioria.

Esses circuitos são impulsionados por quatro motores conectados uns aos outros: a ciência, a técnica, a indústria e a economia capitalista. Segundo Edgar Morin (2002, p.240), outro pensador *outsider* que tenta acordar o espírito humano da anestesia:

A ciência tornou-se cada vez mais central na sociedade, onipresente nas empresas e no Estado. Estreitamente associada à técnica, gera poderes gigantescos que escapam ao controle dos cientistas. Hoje, o desenvolvimento das ciências desenvolve as técnicas que desenvolvem as ciências, por isso se fala com precisão de tecnociência; o conhecimento do átomo engendrou as técnicas da bomba atômica e da energia nuclear; o conhecimento dos genes gerou toda uma indústria que já os manipula. Ciência e técnica estão associadas; técnica, indústria e lucro também.

Há necessidade de reformar esses motores para que utilizem outra fonte de energia baseada no humanismo, nos direitos humanos, no princípio reatualizado da liberdade – igualdade – fraternidade, na ideia de democracia, na ideia de solidariedade humana. Morin e Martín-Barbero acreditam que esse outro processo de mundialização, paradoxalmente, pode ser favorecido pela mesma arma que serve à dominação e à desumanização: o desenvolvimento das comunicações.

Todos esses fluxos e contra-fluxos de indivíduos e de culturas que vivenciei em Brodningnag provam que os humanos de lá comportam especialmente um duplo princípio de exclusão e de inclusão, que permite compreender, ao mesmo tempo, o egocentrismo, a intersubjetividade e o altruísmo. Mas restam ainda muitas trevas para compreender esses seres de esperança e de desespero.

Talvez o conhecimento dos próprios limites da consciência seja a única maneira, apesar de também limitada, para considerar a superação dessas trevas. Para isso, há a necessidade do “pleno emprego dos recursos da razão, o que nos leva a reconhecer os limites da razão; daí a necessidade de reconhecer os limites da lógica sem renunciar à lógica...” (MORIN, 2002, p.291).

As informações que recolhi nesta terra de gigantes pesavam toneladas. Decidi carregar apenas o que pude processar... Reconheço que eu também tenho muitas

dificuldades para compreender esses seres tão semelhantes a mim mesma e esse mundo tão parecido com o meu. Suponho que toda compreensão é uma viagem sem fim: chega a alguns portos, reabastece-se e volta a partir. Toda compreensão é pontual, parcial, provisória, lacunar e inacabada.

Lotei minha bagagem de outro peso que vibrava nas entranhas, não pesava nos ombros e me empurrava adiante. Deixei-me levar por essa força que atua como o som do maracatu de um grupo de músicos chamado Nação Zumbi: “mutante até lá adiante, sempre certo na contramão”.

Saí, sem sair, do universo holográfico de Brobdingnag e vi surgir outros mundos complementares, como partículas que se abriam no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina. Enquanto isso, o tempo ia cuidando das horas, trazendo a história de todos os mundos nas costas.

GULLIVER IN THE 21ST. CENTURY

ABSTRACT: *Taking as a cognitive operator the book “Gulliver’s Travels”, by Jonathan Swif (2005a)t, and based mainly on issues presented in O Método 5: – a humanidade da humanidade: a identidade humana by Edgar Morin (2002), this essay renders some problematic interconnections among communication, comprehension, ethics, science and human condition in the current globalization process. It is questioned whether the mass and the show societies magnify the “primordial evil of the human misunderstanding” (MORIN, 2003, p.363). In spite of phenomena in close interrelation, communication does not guarantee the effectiveness of understanding.*

KEYWORDS: *Communication. Comprehension. Culture. Globalization. Ethics.*

Referências

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORGES, J. L. **Obras completas**. São Paulo: Globo, 1999.

LE BRETON, D. **Do silêncio**. Tradução de Luís M. Couceiro F. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CARO, P. **A roda das ciências**: do cientista à sociedade, os itinerários do conhecimento. Portugal: Instituto Piaget, 1993.

CYRULNIK, B. **Hay vida después del horror**. [nov. 2001]. Entrevistadores: Sophie Boukhari. [S.l.]: UNESCO. Disponible en: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001242/124272s.pdf#124296>>. Acesso em: 25 nov. 2006.

KNOBBE, M. M. História extra-oficial: como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade. **Problemas Brasileiros**, São Paulo, v.43, n.371, p.18-23, set./out. 2005.

LIGHTMAN, A. **Sonhos de Einstein**. Tradução de Marcelo Levy. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. de. (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.57-86.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

MORAES, R. Prefácio. In: SWIFT, J. **Modesta proposta e outros textos satíricos**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques e Dorothee de Bruchard. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005. p.07-12.

MORIN, E. Uma mundialização plural. In: MORAES, D. de (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.349-366.

_____. **O método – 5**: a humanidade da humanidade: a identidade humana. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **O método – 1**: a natureza da natureza. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

_____. **O método – 3**: o conhecimento do conhecimento. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

SAID, E. W. **Des intellectuels et du pouvoir**. Paris: Seuil, 1996.

SIROTSKY, N. Grito provocou tragédia no Iraque. **Jornal Último Segundo**, 31 ago. 2005. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2005.

Gulliver no século 21

SWIFT, J. **As viagens de Gulliver**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM, 2005. (L&PM Pocket, v.399).

Recebido em junho de 2010

Aprovado em agosto de 2010

